

CASAMENTO DE HOMOSSEXUAIS E OS EQUÍVOCOS DO SENHOR BISPO DE VISEU

08-Jan-2010

Opinião

Texto de Carlos Vieira

Tenho o maior respeito pelo senhor Bispo de Viseu. Já aqui enalteci a sensatez e humanidade que demonstrou ao demarcar-se da posi o do Papa Bento XVI ao afirmar que o uso do preservativo, por parte de uma pessoa infectada pelo vírus da SIDA,  o somente  o aconselhável como poderá ser eticamente obrigat rio . E quando desafiei publicamente a levar a sua coragem um pouco mais longe, não restringindo a op o pelo preservativo apenas aos infectados pelo HIV, mas a todos os que tenham comportamentos de risco, na esteira aliás de outros membros da Igreja católica, como o Bispo Torgal Ferreira que ao comentar as afirma es do Papa, afirmou que  o proibir o preservativo  o condenar   morte milhões de pessoas , o bispo Ilídio Leandro, embora passando ao lado do uso alargado do preservativo,   voltou a dar mostras da sua lucidez ao defender o divórcio em casos de violência conjugal ou sempre que  o casal não consegue viver no amor , nem recomendar uma experiência falhada. Também não esqueço que aceitou subscrever a  o Carta Aberta Sobre Políticas de Imigra o , promovida por 21 associa es de imigrantes e de defesa dos direitos humanos (entre as quais a Associa o Olho Vivo), ao lado de muitas personalidades conhecidas, dirigida aos órgãos de soberania e aos partidos políticos, contra as políticas nacionais e europeias que discriminam os imigrantes e dificultam a sua integra o na sociedade. Por tudo isto, fiquei profundamente desiludido ao ler o artigo de opinião que o bispo Ilídio Leandro assinou no Jornal de Notícias do passado dia 3, com o título  o Casamento gay e fam lia .

 

Escreve o Bispo de Viseu que o governo escolheu a quadra do Natal para  o machucar a Família e desestabilizar a única e verdadeira base de uma Sociedade assente em princípios que derivam das pessoas (...)  consagrando como  o casamento  uniões tão distintas e tão contrárias   na essência e nos fins   ao consagrado a aceite casamento união de um homem e de uma mulher, base da fam lia .

  Por curiosa coincidência, nesse mesmo dia, saía num outro jornal, o Público,   um artigo de um outro homem da Igreja católica, Frei Bento Domingues, que, nem de propósito, respondia, assim,   s angústias manifestadas pelo bispo Leandro:

   o A discussão em torno do  o casamento  entre homossexuais continua (...) Os bispos portugueses manifestaram-se nitidamente contra, mas sem apelar a manifesta es de rua. Talvez seja a atitude mais acertada. Não  , aliás, uma questão que diga directamente respeito   jurisdic o da hierarquia, pois não se trata da celebra o católica de  o casamento  entre homossexuais .

    Como se estivesse a responder tão a tão aos argumentos do Bispo de Viseu, o eminente teólogo dominicano, aborda, no citado artigo, a rela o entre o espírito do Natal e a família, ainda muito centrado na beneficência e na caridade, acrescentando:

   o No entanto, a Igreja católica, na defesa da família, terá de colocar na suas agenda uma outra perspectiva: só se defende bem a família quando se vive no horizonte do mundo como família, isto  , na constru o de um mundo de irmãos. (...) No fundo, esquece-se o contencioso de Jesus, testemunhado nos Evangelhos, com a família em geral, com as famílias dos discípulos e com a sua família de Nazaré. Consta, literalmente, que os familiares de Jesus, por causa de andar a fazer família com quem não era da família e fazer da casa dos seus pais e irmãos a casa dos necessitados e excluídos, quiseram prendê-lo, julgando que Ele estava doido: (...)   «Estão I  fora a tua mãe e teus irmãos que te procuram ». Ele respondeu:  o Quem são minha mãe e meus irmãos?  Percorrendo com o olhar os que estavam sentados   volta dele, disse:  o  - estão minha mãe e meus irmãos (Mc 3, 20-21:3, 31-35).

  Para os católicos não deveria haver melhor quadra do que a do Natal para acabar com discrimina es preconceituosas, quando nasceu  o Estrela para todos aqueles que não querem uns   mesa e outros   porta , para utilizar, ainda, palavras de Frei Bento Domingues. O senhor Bispo Ilídio que me desculpe, mas, ao escrever que para cada pessoa defende o  o máximo de respeito e de dignidade , para, logo depois, negar aos homossexuais o direito a serem felizes, casando civilmente, se quiserem unir-se por este contrato legal, faz-me lembrar os discursos racistas que, recorrentemente, come sam por declarar:  o eu c  não sou racista, mas...os ciganos...; os pretos... 

Â Querer chamar outra coisa qualquer ao casamento dos homossexuais Â© discriminar homens e mulheres que tÃ³m uma orientaÃ§Ã£o sexual diferente da maioria, dÃ³em-lhes as voltas que quiserem. E a ConstituiÃ§Ã£o da RepÃºblica proÃ³be a discriminaÃ§Ã£o com base na orientaÃ§Ã£o sexual.

Â Lamentavelmente, o PS ao pretender acabar com esta discriminaÃ§Ã£o, incorre numaÃ³ outra, a proibiÃ§Ã£o dos homossexuais poderem adoptar crianÃ§as, quando na realidade jÃ³ hÃ³ homens e mulheres homossexuais a viverem como casais do mesmo sexo que tÃ³m a seu cargo os filhos de casamentos anteriores ou atÃ³ filhos adoptivos. Qualquer indivÃ³duo solteiro, seja qual for a sua orientaÃ§Ã£o sexual, pode adoptar uma crianÃ§a. Ainda recentemente o Tribunal de Oliveira de AzemÃ³is entregou uma crianÃ§a aos cuidados de um tio, assumidamente homossexual, que vive com o seu companheiro. De facto, o que interessa num processo de adopÃ§Ã£o Â© o superior interesse da crianÃ§a e, nesse sentido, a capacidade parental de quem dela cuida.

Â O casamento, mesmo o religioso, tem mudado de acordo com a evoluÃ§Ã£o civilizacional. Segundo a religiÃ£o judaica (a que Cristo professou e criticou) a lei bÃ³blica autorizava o homem a tomar uma segunda mulher; sÃ³ no ano 1000 Â© que aboliram a bigamia. Durante a Idade MÃ³dia, a Igreja CatÃ³lica defendia que o casamento era sÃ³ para procriar, pelo que nÃ³o era lÃ³cito ter prazer no acto sexual. Apesar disso, SÃ³o TomÃ³s de Aquino, no sÃ³c. XIII, ousar dizer que o prazer era lÃ³cito, dentro de certos limites. Mas Manuela Ferreira Leite e outros continuam a negar o casamento a quem nÃ³o procriar. Durante a ditadura de Salazar, por forÃ§a da concordata com o Vaticano, o divÃ³rcio era proibido e quem refizesse a sua conjugalidade tinha no Bilhete de Identidade o ferrete de âœcasado, separado judicialmente de pessoas e bensâœ. Logo a segunda mulher era estigmatizada como âœamanteâœ ou âœgovernantaâœ. Era este o lindo resultado da separaÃ§Ã£o da Igreja do Estado. O casamento tinha que ser âœatÃ³ que a morte vos separeâœ... e muitas mulheres sÃ³ conseguiram separar-se quando assassinadas pelos maridos. Ainda hoje!

Â Na GrÃ³cia antiga a homossexualidade nÃ³o era estigmatizada e hÃ³ registos de casamentos homossexuais no impÃ³rio romano, no sÃ³c. I a.C. Segundo o prestigiado historiador Jacques Le Goff, âœa homossexualidade beneficiou, pelo menos atÃ³ ao sÃ³c. XII de uma certa indulgÃ³ncia da Igreja, ao ponto de uma certa forma de cultura gay se ter desenvolvido no seu seioâœ.

Â Em suma, a Igreja e os catÃ³licos fundamentalistas deviam antes preocupar-se com os escÃ³ndalos que abalam a Igreja CatÃ³lica por todo o mundo, com dioceses nos E.U.A. a declararem falÃ³ncia para nÃ³o terem de pagar milhÃ³es de dÃ³lares aos milhares de vÃ³timas de abusos sexuais por parte de padres, abusos que, tal como na catÃ³lica Irlanda, tiveram a cumplicidade da hierarquia da Igreja. Ainda hoje foi noticiado que um padre portuguÃ³s, responsÃ³vel pela Pastoral dos Portugueses, perto de Paris, foi preso acusado de pedofilia. VÃ³o pregar a vossa moral para as vossas igrejas e deixem as leis da RepÃºblica para o Estado laico. Deixem de querer castigar quem apenas quer ser feliz!

no JornalÃ³ Via RÃ³pida,